



RESENHAS



Os modos do sensível

Kati Caetano

SODRÉ, Muniz (2006). *As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política.* Rio de Janeiro: Vozes, 2006. 230 p.



Resumo: O texto visa tratar, de maneira sucinta, sobre a primazia do sensível nas interações humanas e suas formas de manifestação na sociedade contemporânea, no campo das mídias, da política e em expressões espontâneas da cultura.

Palavras-chave: afeto; mídia; política; sensível; alegria.

Abstract: *The modes of the sensitive* – This paper briefly discusses the reflections set forth in the book by Muniz Sodré about the primacy of the sensitive in human interactions and its forms of manifestation in contemporary society, in the media, in politics and in spontaneous expressions of culture.

Keywords: affection; media; politics; sensitive; joy.

Engana-se quem vai à obra de Muniz Sodré esperando encontrar ali uma abordagem do tema do afeto na sua forma mais expressivamente traduzida, encarada como manifestação sensível propiciada pela ação artística em momentos individuais de arrebatamento. Ao contrário, nos três primeiros capítulos, o tema do afeto é tratado em seu viés domesticado, aquele sob controle das tecnologias midiáticas e a serviço da ação política atual, obviamente fortalecida pela mediação dos veículos de comunicação.

Estruturado em quatro robustos capítulos, três dos quais atinentes aos conteúdos explicitados no subtítulo — afeto, mídia, política —, o livro de Sodré enreda o leitor por uma cativante e nada fácil trajetória sobre as diferentes formas de pensar a questão do afeto como uma das manifestações mais evidentes e vigorosas de interação e comunicação humanas.

Presente em todas as formas de pensamento, o afeto diz respeito à expressividade e à interação humanas, inclusive no plano da corporeidade, o

que conduz a reflexão filosófica a focalizá-lo inevitavelmente na suas considerações sobre o homem, suas experiências no mundo e com os outros seres humanos. Sufocado ao longo dos séculos pelo primado da razão cognitiva e pelo selo do processo civilizatório, o afeto constitui foco de discussão de várias teorias, mesmo quando convocado para ilustrar, no negativo, os meandros da racionalidade.

Enveredar pelo longo percurso especulativo-filosófico elaborado por Sodr e exige esforço de concentra o, pois não são poucos os autores por ele comentados e suas diferentes posi oes. O texto vem às vezes aos borbotões, parecendo ser excessivamente informativo e pouco aberto   reflexão do leitor. Mas seus conteúdos nos despertam para a compreensão do diálogo secular em que, a despeito da dominância do racionalismo, se estabeleceram as bases para a discussão da comunica o sensível.

Tendo como premissa inicial a afirma o do estudioso Mario Perniola no sentido de que vivemos uma época est tica, concebida não em rela o direta com as artes, mas fundada em regimes do sensível, ou do estésico, o autor lança a questão que deverá nortear todas as suas reflexões:

nossa questão inicial dispõe-se então na pergunta sobre a possibilidade de existência de uma potência emancipatória na dimensão do sensível, do afetivo ou da desmedida, para além, portanto, dos cânones limitativos da razão instrumental (p. 17).

Dessa interroga o, assentada sobre a no o de a o emancipatória como a o socialmente produzida, decorre outra que diz respeito   viabilidade desse tipo de a o numa sociedade voltada para interesses econ mico-corporativos imediatos, portanto sem a preocupa o de caráter idealista com os fins  tico-políticos.

Pivô de discussões seculares, o afeto acaba se integrando a um debate calcado na visão dicot mica entre o racionalismo cognitivo e as perturba es da alma, em cujo seio vem sendo tratado como o lado inapreensível ou secundário diante do primado do "racionalismo cognitivo do *logos* unificador" (p. 27). Isso se torna mais evidente no universo midiático, ou no "bios virtual", como formula o autor (tomando o termo *bios* no sentido aristotélico, p. 56), em que as formas de a o individual e social passam a ser mediadas por processos tecnológicos, e, na qualidade de media es, assumem a fei o do espetáculo.

Afeto, emo o, sentimento, paixão são no es abordadas, de maneira cativante, em suas finas nuanças semânticas, a partir de seus conteúdos etimológicos e das significa es que adquirem ao longo dos séculos, quando filtradas pelo pensamento dos diferentes autores. Todas envolvem a realiza o est tica "no sentido da proposi o emocionalista do 'estar juntos'" (p. 193), portanto, convocam não apenas a mente, ou o espírito, para esta frui o, mas, em especial o corpo; são atributivas das transforma es da corporeidade que estão na origem das manifesta es f ricas com que os sujeitos interagem no mundo.

O centramento na idéia de “comum” é ponto chave da reflexão de Muniz Sodré, pois pressupõe o estar junto como condição fundamental para a construção dos sentidos. Deve ficar claro, no entanto, que o princípio do estar junto não se efetiva pelo aglomerado físico de individualidades e, sim, pela “sintonia sensível das singularidades” ou pela “vinculação humana na pluralidade do comum” (p. 69). Essa insistência no vínculo e no comunitário leva a uma exemplar definição da própria compreensibilidade:

Compreender significa agarrar as coisas com as mãos, abarcar com os braços (do latim *cum-prehendere*), isto é, dela não se separar, como acontece no puro entendimento (do latim *in-tendere*, penetrar) intelectual, em que a razão penetra o objeto, mantendo-se à distância, para explicá-lo (p. 68).

Agarrar com as mãos põe em jogo a corporeidade, como o autor observa a seguir, expressando em bela metáfora a fusão entre pensar e sentir.

Fundamental para prover o leitor de informações crítico-reflexivas que lhe permitam melhor compreender a manifestação dos fenômenos sensíveis na sociedade de tecnologias da comunicação e informação, bem como na política, o texto de Sodré permite uma leitura renovada dessa formação, incidindo luz sobre conceitos nem sempre emergentes no lastro do raciocínio especulativo ocidental. Não nos parece deslocado trazer à tona, nesse profícuo rastreamento teórico sobre a estesia, a obra de Etiènne Bonnot de Condillac, intitulada *Tratado das sensações* (1754), pelo fato de ter consolidado uma teoria sensualista, cujo objetivo é evidenciar o papel dos sentidos na formação do conhecimento (1979, p. 45-59).

Sodré aborda todas essas questões com o intuito de compreender a viabilidade de seu papel na ação ética, numa sociedade de interesses técnico-econômicos, baseada no consumo como a atual. Para o autor, a estesia atingiu um tal grau de intensificação na sociedade capitalista atual, que se manifesta sob forma codificada pela dinâmica de uma sensibilidade coletiva dirigida para o consumo, para as formas de aglomeração, ou para o exercício do poder político, mais afeito à pura gestão tecnoburocrática do que a uma ação ética.

A discussão do sensível é desenvolvida ainda, de maneira aprofundada, no campo das ciências da linguagem, privilegiando as abordagens neopragmáticas de recuperação do tema, como a de H. Parret, para quem a “a paixão dos sujeitos mobiliza a discursividade das interações” (p. 67). Gostaríamos de ressaltar que tais preocupações inscrevem-se também, com bastante força, no seio da semiótica européia, sobretudo em alguns desdobramentos atuais do projeto greimasiano, como os estudos dos franceses Claude Zilberberg e Jacques Fontanille (2001) sobre a semiótica tensiva; as reflexões de Eric Landowski (2004) a respeito dos regimes de presença, não só pela mediação de textos, mas tam-

bém sob a forma de interações coletivas, manifestadas em ato, e as análises de A.-J. Greimas e Jacques Fontanille (1991) sobre as paixões, além dos estudos empreendidos por Greimas no livro *De l'imperfection* (1987), justamente mencionado por Sodré. Nos termos desta última obra, o sensível se manifesta não são como “fraturas est ticas” de que somos acometidos involuntariamente, materializadas como fortes experiências sinestésicas, mas também como atitudes, ou a c es programadas, designadas por Greimas de “escapat rias”, que cont m em seu bojo uma disposi o do sujeito para sentir o sentido.

No capítulo 2, o debate sobre a comunica o ou as atuais sociedades de tecnologia de informa o se insere no âmbito da estrutura capitalista, com destaque para o papel dos índices nas rela oes midiáticas contemporâneas. Analisados não são sob a  tica perceiana, os índices estão na base das rela oes interacionais midiáticas, nas quais as várias modalidades e graus de solicita o do corpo se fazem sob a forma de um vínculo indicial. Esse mesmo processo de estetiza o industrial generalizada, concebida em seu sentido de atuar sobre as subjetividades e persuadir pela emo o, passa a ser tratado então na esfera política, no capítulo intitulado “A democracia cosmética”. Para tanto, o autor retoma o significado original de política e vai examinando as suas formas materiais até o enfraquecimento da política clássica, quando a integra o coletiva em prol do bem comum passa a ser substituída pela fun o representativa do Estado, e, em seguida, na sociedade atual, converte-se no mero exercício do governo, voltado para resultados eleitorais e garantia do livre trânsito dos capitais. A crise do sistema político e o enfraquecimento  tico-político das antigas media oes, a crise do Estado, as transforma oes da representa o, com o desvio dos atores políticos da prática representativa efetiva para a *performance* imagética, a confusão do ideal democrático com o acesso aos bens de consumo e a conseqüente redefini o da cidadania por inflexão do mercado, são temas que se agregam articuladamente num discurso denso, de recupera o dos sentidos originais contra o pano-de-fundo de sua banaliza o na sociedade contemporânea. Um novo conceito de “comum” privilegia a dimensão técnica do homem, porque passa a ser não são operado pelas m dias e pelas tecnologias de distribui o da informa o, como elas próprias se convertem no novo espaço social ao qual o homem se integra organicamente. Por conseguinte, adquirem papel preponderante nesse universo a imagem e o espetáculo, concebidos como formas de difusão constantemente presentes da mensagem unívoca do mercado. O fato marcante a ressaltar no raciocínio de Sodré   a abordagem desses fen menos como elementos constitutivos da realidade. Não se trata, em síntese, de considerar a imagem e o espetáculo em suas propaladas e pol micas naturezas representacionais e, sim, de circunscrevê-los enquanto uma espécie de

ordenamento social, ou um *bios* midiático em que a partilha das experiências se consolida na dimensão de uma “antropotécnica” sob a primazia dos efeitos de sentido de uma tatilidade generalizada.

Para ilustrar seu ponto de vista sobre o primado das estratégias sensíveis na política, o autor traz ao debate a trajetória política de Lula, como uma análise de caso. A passagem do líder sindical a homem público, enquanto candidato às eleições presidenciais, se processa por dispositivos de *marketing* e não pela apresentação de uma pauta programática efetivamente oposta à política neoliberal a ser combatida. A construção do “mito” do pobre menino nordestino que consegue chegar à presidência da república constitui um dos tantos materiais sensíveis de “que se valem o marketing eleitoral e a grande mídia na cosmética da democracia” (p. 185). Nesse sentido, a vitória de Lula se deve, na verdade, a um processo de sensibilização coletiva, originário da ilusão, e coadjuvado pelo *marketing*, que pressupõe, na sua ação, a possibilidade efetiva de uma política emancipatória das formas hegemônicas saturadas.

Definido o quadro da sociedade contemporânea em todos os aspectos de sua crise, o autor encaminha-se para uma resposta à questão que norteou a abertura do livro. O pressuposto básico para qualquer ação política envolve o saber movimentar-se nesses novos cenários das estratégias sensíveis (as tecnologias da comunicação dentro e fora da grande mídia), com vistas à superação do descompasso entre as velhas categorias do pensamento de esquerda clássica e as condições atuais de sustentação da acumulação capitalista. Deste ângulo, toda ação emancipatória implica a consciência do papel do sensível, cosmético ou não, como um “tipo inédito de vigor”.

O último capítulo é surpreendente. Depois de nos conduzir num torvelinho de idéias, que cruza o terreno polêmico de discussão dos afetos ao longo da formação do pensamento ocidental, para revelá-los em suas exacerbações presentes no empenho sedutor das tecnologias da comunicação, inclusive acionadas para a constituição de uma imagem espetacularizada da democracia (cosmética), o autor nos “envolve” na atmosfera quase-inaferrível do regime afetivo da alegria.

Não a alegria como estado emocional reativo e, sim, o domínio de um sentimento afetivo pleno, configurado como “uma maneira”, uma fusão da interioridade com a exterioridade, pela mediação do corpo, entregue à expressividade livre, não-sígnica, nem domesticada, em sintonia existencial com o grupo e com o mundo.

Por que a alegria? Ela não convoca causas para a sua existência. Tampouco é um contato com a surpresa ou o inesperado. Está sedimentada no “he auton aukson” heracliteano (p. 218), ou seja, num estado promotor de si mesmo, sem causa. Nesse sentido, a alegria é análoga à liberdade política, ou seja, àquilo

que está ausente nas formas de sensibilidades acionadas pelas mídias. Não por acaso, Sodré faz repousar a compreensão desse regime afetivo num sistema interpretativo do *Vedanta* hindu, enveredando pela ótica do sábio indiano Svâmi Prajnânpad (1891-1974), que exerceu forte influência sobre o pensamento ocidental, e na tradição simbólica da civilização africana.

Deixamos a obra de Muniz Sodré duplamente “afetados” (na acepção de *affectus*). De um lado, pela recuperação de “uma experiência do comum” que se afigura cada vez mais presente nas nossas vidas, sob a forma das mediações simbólicas do *bios* midiático. De outro, porque o autor nos incita a pensar as manifestações artísticas dentro desse movimento natural, espontâneo e não racional da alegria enquanto constituinte de um comum.

No início do século XX, o formalista russo Chklovski apontava a arte como o espaço possível da singularização. Por seu intermédio, o sujeito poderia libertar-se das ações automáticas da vida moderna, de uma certa insensibilidade presente nos atos cotidianos, para *re-ver* sua experiência com a realidade, e dela, portanto, se emancipar enquanto universo ideológico hegemonicamente conformado. Voltando à pergunta inicial de Sodré, indagamos, para terminar, se seria possível à arte ainda existir como dispositivo sensível de emancipação (humana em seu sentido amplo), no quadro de uma sociedade impregnada do caráter estésico generalizado de suas relações simbólicas. Ou melhor colocado: em que condições pode ela se efetivar enquanto procedimento autônomo de fazer sentir sob a regência afetiva da alacridade?

Referências

- CHKLOVSKI, V. (1978). *A arte como procedimento*. Teoria da literatura: formalistas russos. Porto Alegre: Globo.
- CONDILLAC, E. B. De (1979). *Textos escolhidos*. Resumo selecionado do Tratado das Sensações. Trad. de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Abril Cultural (Os pensadores).
- FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, Cl. (2001). *Tensão e significação*. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso; Humanitas (FFLCH; USP).
- GREIMAS, A.-J. (1987). *De l'imperfection*. Périgueux: Pierre Fanlac.
- GREIMAS, A.-J.; FONTANILLE, J. (1991). *Sémiotique des passions: des états de choses aux états d'âme*. Paris: Seuil.
- LANDOWSKI, E. (2004). *Passions sans nom*. Paris: PUF.

KATI CAETANO é professora titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens (Mestrado) da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), onde coordena o Grupo de Pesquisas *Usos e interfaces da imagem fotográfica nas mídias*. Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo, com Pós-Doutorado em Semiótica na École de Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS) e Université de Limoges (1993-1994) e em Ciências da Linguagem na École Normale Supérieure de Lyon; Université de Paris VII e GDR Intersémiotiques de Paris (2002-2003); professora titular, de 1973 a 1995, no Centro de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Publicou em 1997 o livro *A prática da análise de discursos – literatura e sociedade* (Campo Grande-MS: Editora da UFMS) e, em 2003, co-organizou a obra *O olhar à deriva: mídia, significação e cultura* (São Paulo: Annablume).

katicaetano@hotmail.com